Aveiro, 7 de Setembro de 1968 * Ano XIV * N.º 722

Litoral

S E M A N Á R I O

Director e Editor — David Cristo • Administrador — Alfredo da Costa Santos • Proprietários — David Cristo e Francisco Santos
Redacção, Administração, Compos. e Impres. na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sarg. Clemente de Morais, 12 — Telef 23886 — AVEIRO

TEATRO DE INTIMIDADE DE COMUNHÃO

ARTUR FINO

«O mal da geometria pura é que não tem alto nem baixo. Uma cadeira invertida pode exprimir muitas coisas; mas tente-se inverter um quadrado!»

DE Jorge Sarabando Moreira, o *Litoral* de 30 de Agosto insere uma nota crítica de certa acuidade, especialmente no que se refere à primeira parte. O que não invalida que se considerem exageradas certas considerações. E severas também. Injustamente severas até. Todavia, registe-se com agrado esta tentativa, denuciadora duma preocupação da juventude em *entrar* deliberadamente num movimento de renovação que tem vindo a processar-se com certa regularidade.

Històricamente provado: sempre se falou e discutiu sobre Teatro; o que, numa coordenada humana, o eterniza.

Não há ninguém, espectador ou participante, que não se considere, a um tempo, crítico e esteta. Cada qual decreta conclusões, implícitas na *enraização* de opiniões pré-estabelecidas, mas nem sempre determinadas pelo conhecimento da *engrenagem* teatral. Mas, sempre que construtivamente propostas (ainda que muito discutíveis), essas opiniões merecem o nosso respeito. A aceitação é que se torna duvidosa, comprometida por factores inalienáveis. No caso presente, a despeito da sumaridade das apreciações, é difícil admiti-las, dado o *choque* demasiado evidente no que se refere à maior parte dos pontos analisados, o que nos coloca em campos diametralmente opostos.

Não há, pois, outra alternativa: temos que dialogar. O DIÁRIO DE ANNE FRANK é pretexto. Pretexto para o diálogo. Vamos, então, a isso.

Quando falamos em exagero e em severidade, reportamo-nos, como não poderia deixar de ser, à *dimensão* teatral ao alcance do CETA. *Sentindo-se* toda uma problemática de condicionalismo, ignorada pela maioria. Um CETA como colectividade amadora de penuriantes recursos, agora *menosprezada* (sem qualquer intencionalidade maldosa, acrescente-se) e que *vive ginasticando-se* em equilíbrios *impossíveis*.

Evidentemente que nos campos estético, humano, social, educativo, formativo, artístico, etc. (neste aspecto poderíamos até propor, sem receio, analogias ou confrontos com muitos espectáculos de profissionais), não dissociamos o teatro amador do teatro profissional, porque o Teatro é só um. Antes pelo contrário. Simplesmente os recursos materiais — e, neste caso, a parte material implica, consoante as facilidades ou dificuldades, na recrutação do elemento humano mais ou menos ajustado — não permitem, por ora,

Continua na página seis

MÚSICA EXPERIMENTAL

JÚLIO HENRIQUES *passando ao largo*

A música não parece mais destinada a servir (servilmente) de veículo a um estado de alma, nem muito menos a fazê-lo nascer no indivíduo que a ouve. Ela é considerada como um fenómeno naturalmente autónomo, geométrico ou arquitectónico, com as suas perspectivas próprias, os seus relevos, os seus contornos. A música — dí-lo Jacques Stehman — organiza-se em virtude dum espaço sonoro livre de toda a convenção.

Não será talvez muito *lícito* falar-se de música experimental num local onde ela não acontece. Mas cremos que não o será também ignorá-la, ignorando o seu forte movimento e algumas das suas razões de ser. Não julgamos extemporâneo, nem prematuro, falar-se da ME entre nós, embora a sua aceitação não seja, *naturalmente*, a ideal.

Num programa do CÍRCULO DE TEATRO, feito em 11/12/67, em que incluímos uma audição de música experimental, com gravações cedidas por Jaime Borges, e completada com textos de esclarecimento, não houve na altura assistência, nem sequer dos sócios do CÍRCULO — e a sessão passou-se, um pouco confrangida, entre os então directores do grupo e dois participantes.

Agora, através do LITORAL, voltamos a fazer o convite: hoje, sábado, pelas 16 horas (de noite não é conveniente, por causa dos vizinhos de baixo...), no CETA, rua das Marinhas, 16, ao mesmo tempo que se abre uma pequena exposição de trabalhos de pintura, desenho e objectos, far-se-á uma audição de música de John Cage, Luciano Berio e Ilhan Mimaroglu, devidamente comentada.

Deveremo perguntar-nos: poder-se-á comparar o lugar e a influência da música na sociedade contemporânea com a mesma situação no passado? Cremos que não, se julgarmos como a música se tem transformado em matéria, em espírito, em função, em objecto.

Se a chamada «música séria» está hoje como que *intelectualizada* (pelos próprios compositores), verificamos que o seu carácter *puro*, a sua integração no indivíduo, perdeu muito. Mas se a sua actuação é diferente, é porque ela própria, na estrutura,

Continua na página três

HOJE *no* CETA

ao n.º 16 da Rua das Marinhas, audição de música de John Cage, Luciano Berio e Ilhan Mimaroglu, com notas explicativas; e, ainda, exposição de pintura e desenho.

A BATUTA

AMADEU DE SOUSA

POR graça de Apolo, que não certamente por nosso merecimento, a música passou a ser outra, embora se não verifique aquela afinaçãozinha que seria ainda de desejar, da qual, e pela parte que nos toca, nos penitenciamos perante os pacientes ouvintes. No entanto, congratulemo-nos pelo facto do nosso estridente e porventura desafinado solo ter ferido os tímpanos de quem, por direito próprio, e melhor do que ninguém, nos poderia corrigir nesta ou naquela fífia.

O certo é que o mesmo foi ouvido — e bem. Mas, porque talvez e afinal nos adiantámos, o sopro foi forte demais, e abafou certos instrumentos habituados a tocar piano. Que nos perdoem os colegas executantes, mas não

Continua na página dois

PESCADORES DA RIA

Seis mil hectares de terra inundada onde o homem nasce e morre sobre a água

ROCHA PATO

A Comissão Executiva das últimas Festas da Rainha Santa integrou no respectivo programa um concurso entre os escritores que, até 14 de Agosto, subscrevessem artigos, nos jornais do distrito de Coimbra, sobre qualquer dos seguintes temas: «O Mar», «Marinha Portuguesa», «Descobrimentos» e «Pescadores». O primeiro prémio — «Raul Brandão» — foi concedido ao autor do expressivo texto para aqui transcrito do brilhante trissemanal «A Comarca de Arganil».

OS pescadores, de rostos plissados pelo sal, de olhos cavados pela intensa luz do plaino líquido, de expressão resignada e dócil que esconde corações de heróis, arcas rudes onde se guardam segredos de coragem, histórias de fábula, rasgos de desconhecida valentia, todos eles, constituem o tesouro inestimável do rasgado litoral português, essa extraordinária página do mais belo historial épico, do mais fabuloso repositório de virtudes.

Pescadores do alto, que, como que envergonhados, pela madrugada saem a barra em negros arrastões, que os levam de norte a sul, recolhendo os amplos sacos de revolvida prata; pescadores do bacalhau, que em frágeis lugres demandam os mares distantes da Gronelândia e Terra Nova, que entram nos botequins de S. Jones, que bebem rum da Jamaica e fumam tabaco negro; pescadores da Ria mansa, feiticeiro espelho de imprevisíveis tentações, que obriga à meditação, à miragem de outras águas mais fundas, à vista de outros portos, mas, a que o sortilégio da proa negra da bateira para o fim da vida os amarra.

Trilogia de heróis, combatendo em campos distintos, cada qual com seu perigo, cada qual com seu encanto, cada qual com seu mistério — pescadores da Ria — pescadores da costa — pescadores dos velhos lugres!...

Mas, se o risco, a aventura, acompa-

Continua na página três

Silvério das Folhas, dos mais antigos e experimentados pescadores da Ria, conhece os fundos da laguna como as suas próprias mãos, sabe onde salta a tainha ou a solha se enleia nas redes, conhece os ventos e prevê as chuvas com a precisão dum mestre de geofísica

CADA CABEÇA... SUA SENTENÇA

COORDENAÇÃO DE PINTO DA COSTA

ESPANTAM-SE nacionais e estrangeiros de que o movimento das ruas em Aveiro pare «instantâneamente» às primeiras horas da noite. Mesmo no Verão. As poucas pessoas que se vêem depois das dez — como nos dizia, com certa graça, uma jovem parente espanhola —, ou empenharam o relógio ou correm a aviar-se na farmácia de serviço...

Evidentemente que o fenómeno não é exclusivo destas paragens. Mas, como nós, também esses nacionais e estrangeiros se habituaram à ideia de que Aveiro é uma cidade importante, até no suposto vai-e-vem das gentes, a qualquer hora do dia e da noite. Não ignoram tratar-se duma cidade

Continua na página dois

Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

de trabalho, onde todo o tempo é pouco para o merecido repouso entre uma manhã e outra manhã. Contudo, acham estranho que dentre tantos milhares de habitantes uns mil, ao menos, não quebrem a pureza dos costumes aldeãos e sejam visíveis, à vista desarmada, nos vários centros públicos da cidade.

Interessaria, antes de mais, saber a que espécie de «centros públicos» se referem os amáveis forasteiros, mas a falta de tempo para andar na rua à cata deles, levou-nos a solicitar, uma vez mais, o concurso da boa gente da terra. E a pergunta foi então necessàriamente alterada:

—AVEIRO É UMA CIDADE SEM VIDA NOCTURNA. A QUE ATRIBUI O FENÓMENO, E COMO OCUPA O SEU TEMPO À NOITE?

UM ENGENHEIRO CIVIL

À falta de convívio, de um modo geral. Pràticamente, só se conhecem (e mal) os vizinhos, os frequentadores de café, os colegas de repartição ou de ofício. Não há oportunidades para mais, à míngua de interesses colectivos, sejam culturais, desportivos, políticos, recreativos. Cada casa é uma ilha com um ídolo, em torno do qual as pessoas bocejam: a TV. É esta, aliás, que centra, nos cafés, os poucos «noctívagos» que subsistem e não têm «trocos» para comprar um aparelho. Sem solicitações que agreguem, as pessoas só podem dispersar-se. E isso redunda em egoísmo, falta de sentido cívico, apatia, chaladice até.

Que faço à noite? Chateio-me. Ou leio, oiço música, dou umas voltas vadias...

UM TECNICO DOS C. T. T.

É um fenómeno estranho. Falta de dinheiro? Pois não deve ser. Veja Lisboa!... Talvez mais falta de espírito de convivência. Podia-se fazer uma vida nocturna agradável sem gastar muito dinheiro. Há tanta coisa por fazer! Principalmente no plano cultural. Os clubes de Aveiro teriam aqui palavra... De facto, estas noites são tempo perdido. Nem conversar se pode — a não ser futebol ou bicicleta.

Eu, cá por mim, continuo a ler «O Século» à noite. Algumas vezes vou ao café, mas mais para a minha mulher ver a televisão.

UMA JOVEM DO ENSINO MÉDIO

Sou jovem, e como tal sinto a falta de vida nocturna em Aveiro e a necessidade de criar condições tendentes à sua efectivação.

Em face da evolução da sociedade, e do papel actual da mulher nessa sociedade, não acho interesse em vir ao café como único ponto de recreação e cultura. Será pedir de mais a realização de conferências, colóquios ou mesmo salas de convívio, onde a juventude se possa divertir e elucidar? Talvez os clubes desportivos nos pudessem dar essa oportunidade. E por que não o Liceu? Ou a Escola Técnica? Bem sei que existe cá um Clube (com letra maiúscula), mas é pena que viva só para si e para a sua superficialidade de *casta* da cidade.

No entanto, pior do que tudo isso, caiem sobre mim, sobre a juventude, as normas estabelecidas pela família e pela sociedade, normas balofas, sufocantes, insustentáveis, sobretudo se soubesse o que era a educação e a necessidade de realização humana. É este, a meu ver, o maior obstáculo a um desabrochar espontâneo de um sentido de convivência, esse sentido sem o qual tanto a vida nocturna como toda a vida serão *pontos-mortos*.

UM FUNCIONÁRIO JUDICIAL

Claro que se refere à vida público nocturna?... Não existe, é bem verdade. A pergunta tem a sua razão de ser: Por que se esvaziam as ruas à noite? O trabalho? A casa? o clube? A noite fora de portas? O vento e a humidade? O pouco interesse dos espectáculos? A falta de comodidade nas salas e nos cafés? Uma questão do hábito? de saúde? De falta de «money»? Eu sei lá... A televisão veio matar o que restava dos centros de cavaco nos cafés e clubes da cidade. Mas agora nem a televisão arrasta gente para as ruas, e as verbenas também não. Tudo às moscas durante a semana...

Não há dúvida de que alguma coisa afasta as pessoas da rua e das conversas. E a verdade é que nunca tinha pensado nisso. É certo que passo a vida entre a casa e os processos, mas se tivesse tempo disponível à noite, que iria eu fazer mais a família? Fartos de montras andamos nós, mas principalmente de serões não remunerados... E de falta de saúde... Vê este monte de processos? É para trabalhar em casa... Com pouca diferença, é o que faço todas as noites. Mas qualquer dia tenho uma estátua na ria!...

PINTO DA COSTA

A BATUTA

Continuação da primeira página

foi intenção nossa abafar quem quer que fosse, muito menos colegas do mesmo ofício, ou melhor, da própria orquestra. E porque de orquestra se trata, não vislumbramos onde poderemos — nós, os velhos — aprender algo com os novos! Supomos não existir qualquer incompatibilidade entre novos e velhos de ambos os sexos, pelo menos enquanto não forem alterados os valores das notas musicais!

Pois é — dirão alguns — mas agora o ritmo é outro! Será — diremos nós — porém no nosso caso, não se trata de um conjunto electrónico, mas sim de uma autêntica orquestra sinfónica, com todos os instrumentos de corda, sopro e pancadaria! Logo, neste aspecto, e para o efeito — nós, os velhos, como os novos — teremos sòmente que nos cingir à partitura e à batuta!

Por isso mesmo, e ao fim e ao cabo, o problema parece circunscrever-se de momento à escolha do repertório, porque maestro e executantes temos nós — e dos bons!

Permita-se-nos, todavia, que continuemos a discordar do excesso de alguns naipes, que nos os cânones musicais condenam, e ressaltam a qualquer mediano ouvido!

Torna-se assim necessário estabelecer um equilíbrio instrumental, sem o qual, por mais voltas que se lhe dê, se não consegue uma boa e perfeita harmonia.

Esta será também — quanto a nós — uma das mais notórias deficiências da nossa orquestra sinfónica, ofuscando assim a sua inegável categoria que, cremos, ninguém contesta!

Em conclusão, não se trata, pois, do real valor de execução de cada um, mas do número a mais de clarinetes! Claro, que nós, não estaremos isentos de culpas. É natural que também contribuíssemos para uma determinada desafinação, com o tal solo estridente! Mas, já agora, apraz-nos perguntar: — E não seria defeito da palheta?

Voltemos, porém, ao repertório, pois é aqui que reside o principal busílis!

Francamente! — Temos de reconhecer que, para estreia, o nosso maestro, na verdade, não foi feliz. Há que considerar todas as suas qualidades de regência, os seus dotes artísticos, a sua finíssima e apurada sensibilidade musical, enfim, a sua capacidade ímpar. Tanto pior por isso, porque acreditamos, sem a menor sombra de dúvida, na sua inteligência e saber, que nunca será demais realçar, e perante as quais nos curvamos com muita veneração e profunda admiração, e até também gratidão, esta, pela boa e sã amizade com que sempre e obsequiosamente nos tem distinguido. O facto entristece-nos mais ainda, pelos reparos que mereceu do auditório que, talvez arreigado ao velho gosto aveirense pela música, acabou por tapar os ouvidos.

A coisa não agradou. Foi pena que o nosso maestro não dispenssasse ao programa a atenção que o mesmo merecia. Quanto a nós, optaríamos — para a tal estreia — pela «Heróica», em vez desta tão insípida «Pastoral».

No que respeita ao conselho, muito embora desafinemos por vezes um pouco, à falta de melhor, continuaremos a tocar a solo, portanto — a soprar, pelo menos tanto quanto nos permitirem. Porque já lá dizia o outro: — Enquanto houver bombo e pratos, a Música Velha nunca acaba!

AMADEU DE SOUSA

N. da R. — Nesta primorosa sinfonia, revela-se Amadeu de Sousa autorizado mestre de solfa. Mas, no *Litoral*, o «regente» é o director. E, de duas uma: ou Amadeu de Sousa se limita a soprar ao trombone (como o «maestro» tanto lhe pediu) ou sai da orquestra!

Bem... claro que isto é a reinar — uma graça, que roubando ao jornal precioso espaço (passivo na conta do director...), diz tanto como os seus últimos artigos, caro Amadeu, o de hoje inclusive, e menos ainda do que aquela fala do Sganarello de Molière, que o nosso Castilho verteu nestas famosas redondilhas:

«Cabriciés, dóminé, orum;
domus tecum ablativó
sund rachânté pinheirórum
humóres infinitivó.
Hora, a hora; *vis*, tu queres;
rançorum doençam gatis;
mulieres, as mulheres
fervet olium carrapatis.
Laudo laudas introjones,
merídies omnibus dabit;
curativó cum demónes
Aristótelés sarabit
. . . .
Os vapores ossabandus
nequis, neguer, potarinum,
quiper milus, flos cabrinum,
cavallones aldubrandus.
Ora aqui tem claramente
porque a menina está muda!»

Pescadores da Ria

Continuação da primeira página

nha mais de perto aqueles que aproam a mares distantes, a águas fundas de gelados Oceanos, nem por isso eles são mais valentes ou tão-pouco mais heróicos que esses pescadores da Ria, essa maravilhosa laguna do Vouga, sobre a qual nascem as crianças, cujo destino as firma às suas bateiras, onde em adultos viverão e, como seus próprios barcos, na sua proa irão fenecer.

Zé Cação, Toino Robalo, Luís Rola, Tó Charroco, Júlio Maçarico, heróis simples da minha infância, gigantes da minha adolescência, imortais para o sempre... eu vos saúdo na vossa grandeza !...

Outra coisa não conheceram que as águas salgadas e límpidas da Ria de Aveiro e, se lhes perguntarem onde nasceram, onde foram criados, invariàvelmente eles responderão : — Na Ria...

SERES SEMI-ANFIBIOS QUE RECEBEM OS NOMES DOS PEIXES E DAS AVES DA RIA

Seres que têm um misto de anfíbio, estes homens de olhar fundo e bondoso, retemperado na doçura e quietude do plaino imenso em que balouçam, nascem na proa das bateiras, das ervagens, dos mercantéis, recebem os nomes das espécies piscícolas que os rodeiam — cação, robalo, tainha, charroco — ou das aves que povoam os juncais e tramagueiras das margens — maçaricos, galinholas, milharengos, tadorna, pintão...

Com os primeiros passos, gatinham na água salgada, brincam com a vara do leme, com a rede dos galrichos, ou com a ponta da escota, que representa para o sempre a sua linha de rumo.

E a noite estrelada, que se reflecte na prata líquida dos 6 mil hectares de terra inundada pela Ria, é toda sua, olhada da proa da bateira, no silêncio cantante de todos os fenómenos naturais, na recreação de todos os sonhos que se alargam, transpõe a superfície da água mansa, galga o Oceano, aporta a praias longínquas, navega nos grandes veleiros, escuta as sereias dos barcos de grande calado...

Os pescadores da Ria são como as aves migratórias — mudam-se consoante os pesqueiros, transferem seus haveres e suas famílias para os locais onde os cardumes mais abundarem.

Silvério das Folhas, dos mais antigos e experimentados pescadores da Ria, veio numa manhã de sol, vogando com sua bateira, da Murtosa até à Costa Nova, trazendo na frágil embarcação toda a sua família.

Mestre das artes do «saltadoiro», Silvério da Piedade Marques conta agora 66 anos, pesca na Ria de Aveiro desde os 8, seguindo a linha de vida de seu pai, de seu avô e de todos quantos tiveram a sina de vir ao mundo na balouçante proa dum barco.

Silvério das Folhas, como é conhecido no meio piscatório da Ria, conhece os fundos da laguna como as suas próprias mãos, sabe onde salta a tainha ou a solha se enleia nas redes. Conhece os ventos e prevê as chuvas com a precisão de um mestre em geofísica e a sua palavra sabedora está sempre pronta a dar uma previsão do tempo a quantos lha solicitem.

Ali viu nascer seus filhos, que igualmente não se desprenderam das águas e das artes da pesca, ali viu nascer seus quinze netos, que também sonham com o mar, com os pesqueiros distantes da Terra Nova, para onde seus pais já foram e seus tios se encontram.

Destino infalível destas gentes do litoral aveirense, que, por mais evoluções sociais que se operem, por mais deslumbrantes panoramas de trabalho que se lhes ofereça, não abandonam a toalha líquida em que nasceram, a que se ambientaram, como verdadeiros seres anfíbios.

Velhos pescadores da Ria, figuras estáticas, resignadas, que gastaram uma vida nas difíceis artes do «boteirão», da «camboa», da «Atenção» e dos «Tresmalhos», com os olhos deslumbrados pela luz fascinante que cega e faz delirar, eles são o verdadeiro tesouro destes seis mil hectares de terra inundada, a maior riqueza humana de que um país se pode orgulhar.

Eles sabem a história da Ria, os seus mistérios, os seus mais ocultos segredos.

Eles sabem que nas noites de inverno, quando as chuvas despejam suas águas sobre as encostas do Vouga e do seu afluente Antuã, a água da Ria se torna doce em cerca de metade da bacia, no período da preamar, e em cerca de três terços na baixamar.

Assim, opera-se então um curioso fenómeno : quando os rios saem do leito e as grandes enxurradas despejam as suas águas na bacia do Vouga, impossibilitam as marés de correrem para dentro, tornando a água doce em toda a sua extensão, o que sucede, por vezes, e muito excepcionalmente, fora da barra.

São estes os fenómenos que regulam o povoamento animal da Ria de Aveiro, tanto na sua distribuição como nas próprias migrações.

A RIA E OS SEUS FENÓMENOS NATURAIS — O PESCADOR TRADICIONAL — O PESCADOR EVOLUIDO

Em consequência de toda a sorte destas variantes nas correntes da Ria, aparecem espécies como a choupa, o bogo do mar, corvina, dourada, ruivos, larote, a moreia, o cação e o congro, que tem o seu «habitat» nas rochas negras ou nas reentrâncias dos molhes.

No entanto, é a enguia o grande habitante deste estuário do Vouga, pois que se dá excelentemente em todos os cursos da laguna, desde a Barra até às Pateiras de Frossos e Fermentelos, assim como os próprios barbos, bogas e pimpões.

Na parte salobra da Ria, pela enorme extensão que ocupa, existe uma fauna que não se pode considerar muito variada, mas altamente apreciada, como seja a enguia, solha, mugens, ilhalvo, garranto, negrão, robalo, linguado, rodovalho, camarão bruxo, e outros de menor valor, como o caboz, bodião, margota, lacraia, galiota, etc....

É no meio de toda esta complexa fauna piscícola, que vivem e morrem os pescadores da Ria, que, no entanto, melhor se governam que aqueles que ainda se encontram presos à quase desaparecida arte da Xávega, processo de pesca que dentro de poucos anos deve estar completamente extinta, dado o extraordinário desenvolvimento dos modernos processos de arrasto.

A Ria, é, pois, uma «provincia» à parte no panorama geográfico português. Um mundo sobre o qual vivem milhares de pessoas, que fazem a sua vida sob as proas das suas airosas embarcações — 600 moliceiros, 100 mercantéis, 1200 ervagens, esses minúsculos barcos que penetram pelos mais débeis canais, que carregam pasto, alfaias agrícolas, onde se fazem recados, uma autêntica «bicicleta» da Ria ; 600 bateiras de pesca !...

Quanto à Xávega, há presentemente sete barcos, que lançam as suas redes no Furadouro, Torreira, Costa Nova, Vagueira e Mira.

Mas a vida do pescador da Ria, nem sempre tem os seus encantos e, neste momento, em consequência de vários fenómenos a que não são alheias as obras do Porto de Aveiro, as correntes influenciaram de maneira desastrosa a vida do pescador, que se vê obrigado a deixar as suas artes, para, como verdadeiro herói, transpor com sua bateira a rebentação da barra e penetrar no próprio mar, arriscando a vida, num rasgo de desafio e temeridade.

Foi assim que Zé Fradoco, ao largo da Torreira, já voltou a sua pequena embarcação, por várias vezes, salvando, uma delas, a muito custo, seu pai, que num esforço sobreumano arrastou para o areal.

Zé Fradoco, nascido na Ria, é o tipo de pescador evoluído e não resignado como Silvério das Folhas.

A sua bateira tem um motor ; e, ao fim da tarde, Fradoco lança-se na rebentação da barra, deixando aos mais velhos as artes do «salto», esperando que os robalos corram ao longo da «rabeira» para dentro da «albitânea»...

Zé Fradoco passou, da pequena bateira da Ria, à «motora» evoluída, que vai ao mar largo, entregando aos velhos as modestas branqueiras, solheira, caçoeiras, o chinchorro e a tarrafa.

E pena é que os pesqueiros da Ria não proporcionem aos dedicados homens das bateiras aquele manancial que ainda se verificava alguns anos atrás.

Com a corrida para o mar, a grande esteira líquida do Vouga vai perdendo a sua vida fluvial, vão escasseando as embarcações e os próprios moliceiras de proa fenícia e recurva, o mais belo e elegante barco do nosso território, vai fenecendo nos juncais alagadiços das Gafanhas ou da Bestida.

Já não são tão prósperas as ribeirinhas oficinas de construção destes tipos de embarcações, os grandes mestres que talhavam e lançavam à água quase todos os moliceiros, mercantéis, bateiras e ervagens da Ria de Aveiro : Luciano Garrido e Henriques Ferreira da Costa, de Pardilhó, ; Agostinho Tavares da Silva, Dinis Tavares de Matos, da Murtosa, este último dedicado especialmente a barcos de recreio; Arnaldo Domingos Pires, de Canelas, e tantos outros, de cujas mãos sairam os milhares de barcos que sulcam a Ria de Aveiro.

OS BARCOS MORREM VARADOS NOS JUNCAIS...

É que o barco é para o pescador da Ria como que um seu familiar muito próximo, uma parte de si próprio a quem liga a sua vida, a quem conta os seus segredos, onde por vezes chora as suas mágoas, onde teve a alegria de ver nascer os filhos sob a leve esteira ou o negro encerado que o protege da chuva e dos densos nevoeiros da madrugada.

O seu barco é um valor inestimável, é o seu palácio, é o mundo de todos os seus sonhos, o companheiro de todas as aflições, o guia de todos os seus passos.

Assim, quando as madeiras velhas da sua embarcação, por gastas e sem solução de calafetagem, metem água a que as «escoadoiras» já não dão vasão, é o fim que se avizinha, é o términus duma longa e difícil carreira sobre as águas, por vezes mansas, por vezes inquietas, da Ria feiticeira.

Como os homens, os barcos também devem morrer com dignidade ; e, assim, como também ninguém gosta de apregoar a sua decrepitude, o velho barco também morrerá em silêncio, numa atitude solitária de triste resignação.

Como os homens que nasceram e viveram cristãos, que no fim da vida têm jus a condigna sepultura, também os barcos da Ria encontram nos terrenos alagadiços, que os tramagais encobrem, a sua campa descoberta, onde fenecerão com a mesma poesia e encanto com que viveram e expandiram suas velas às brisas frescas que se soltavam da barra.

O pescador, num fim de tarde calmo, quando o mar, para as bandas da Torreira, arde num rubro clarão crepuscular, encaminha a proa do seu barco moribundo para os juncais distantes, tristes cemitérios de velhas embarcações, campo aberto de gigantescos esqueletos de antidiluvianos monstros, só povoado pela presença inquieta das gaivotas, dos maçaricos, dos patos lavancos ou de alguma tadorna, que nos desfeitos cavernames constituem sua família, continuam a exótica fauna da Ria.

Então, em religioso silêncio, vara na areia a proa inválida, recorda com magoada saudade as noites estreladas em que ao seu leme seguiu e decifrou todo o mistério da «Estrada de Santiago» e, como despedindo-se dum filho que jamais voltará a ver, ali abandona seu barco, entregue ao capricho das marés, ao mistério de todos os fenómenos dessa Ria, dessa maravilhosa toalha de prata líquida, onde os homens compreendem o silêncio dos peixes, onde adivinham os gritos das aves, onde entendem o brilho das estrelas...

ROCHA PATO

Música Experimental

Continuação da primeira página

o é também — e naturalmente.

Servimo-nos dum texto do compositor norte-americano John Cage ([1]), que com a companhia de *ballet* de Merce Cunningham passou há cerca de um ano por Lisboa e Coimbra, e duma obra sua («Fontana Mix»), para tentar dizer alguma coisa sobre a experimentação e a «atitude estética» daí resultante.

Ao referirmos a ME, pressupomos, antes de mais, o seu caminhar musical contingente, o seu cunho aleatório. Hoje em dia, de resto, verifica-se uma predisposição *existencialista* quase geral, entre os compositores das novas gerações, para o ocasional, o irrompente.

Esta atitude expressa ou uma negação completa, atribuindo-se-lhe uma noção de facilidade, de frivolidade, de sofisticação — ou, noutro plano de coerência, uma mentalização futurizante da possibilidade de rasgar caminhos, VALENDO TUDO.

Atingem-se, assim, extremos: semelhantes aos de Burroughs na literatura, quando proclama uma liberdade totalizante na criação.

No imediato, e já que estamos habituados a um costumado quietismo, parece-nos «herética», uma alienação completa, uma gratuitidade — e precisamos ver que a gratuitidade estará no meio, entre o péssimo e o excepcional. Mas forja-se, deste modo «escandaloso», uma mentalização *aberta*. E é esta *abertura* o que pode, em grande parte, explicar a *leitura* futura da música.

Exige-se, é evidente, que a abertura se processe bilateral: honesta no compositor e no auditor. Porque parece ser aqui, no meio duma incontrolável confusão, engolidos por especuladores profissionais, que nos encontramos numa situação que prevê, de momento, um beco sem saída — provocado, essencialmente, por desonestidades na informação.

Em Cage, do pouco que dele conhecemos, parece-nos haver a *abertura* — embora afirmá-lo surja gratuito, como resultado da subjectividade desta mesma abertura, sobremaneira ideal.

Não há, contudo, a melodia, com o seu caminho antecipado. Há o acontecimento (*happening*), o futuro incerto. Há a descida ao interior do poço — que obriga a *ver* a música diferentemente.

Em concomitância, a evolução torna-se pràticamente inaceitável, facto que advém do conceito mais ou menos totalizado que *considera* a música um belo entretenimento espiritual, uma distracção no pior sentido. É por isso que gostamos nela dos lugares familiares, dos caminhos conhecidos do seu discurso, isto é: gostamos da música que prometa um prazer mais do que uma surpresa, o igual mais do que o desconhecido. Donde o negarmos as proposições de músicos que apresentam obras onde tudo é enigma. Donde a nossa «prevenção», o dizermos, acautelados, que tudo isto parece árido e literário.

Em Cage, de novo, acontece-nos vislumbrar um comportamento *pop*. Lembramo-nos, acerca disto, duma «classificação» de Cardoso Pires sobre o escritor Walter Levino: «A verdade (*pop*) está nas raízes». Com o seu conteúdo enigmático, a frase sugere uma imagem bastante esclarecedora.

Na sua virtude iniciática, a espontaneidade, o imprevisto.

Não há em «Fontana Mix» *uma linha* continuada melódica. Irrompe o imprevisível imediato. E é perante ele que ficamos numa situação de Abertura: movemo-nos num campo aleatório, pessoal e interiorizante.

Cage, com as suas influências zen-budistas.

Herberto Helder, em «Retrato em movimento», escreve uma «parábola» (*zen*) que nos ajuda aqui. Citamos de memória, mas é mais ou menos isto: Uma mulher procura uma agulha na varanda de sua casa. Quando o filho lhe pergunta porque o faz ali, se perdeu a agulha na cozinha, ela responde: Na cozinha está escuro, filho.

Será necessário *respeitar* uma adequação normalizante? Onde nos levam os caminhos da música?

É preciso jogar com dados materiais. É expressivo que em Cage, com o *aproveitamento* de coisas no real, a obra não é transposição do mesmo real. Veja-se Mário Sacramento (*in* «Há uma estética neo-realista ?»): «A especificidade do trabalho artístico conduz não à objectivação dum conhecimento apenas, mas à criação dum modelo auto-suficiente do real».

A música de J. C. é explicativa: a sua filosofia artística, baseada no indeterminalismo e no ocasional, tem sido também fonte da grande controvérsia actual existente nos círculos musicais, sobre a espontaneidade e o acto aleatório da música dos novos compositores-técnicos.

JÚLIO HENRIQUES

([1]) — «Quanto mais vidros melhor», n.º 257 do JLA.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
2.ª feira	NETO
3.ª feira	MOURA
4.ª feira	CENTRAL
5.ª feira	MODERNA
6.ª feira	ALA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi autorizado o pagamento da importância de 750 399$00, à firma empreiteira do «Fornecimento e instalação do equipamento mecânico geral» da obra de «Construção do Matadouro Regional de Aveiro», correspondente à 2.ª prestação, nos termos do contrato respectivo.

● Vai ser remetido superiormente o estudo dos novos acessos à cidade, elaborado pela Câmara, a fim de se obter a sua aprovação.

● Foram aprovados 4 autos de medição de trabalhos das seguintes obras, para efeito de pagamento aos empreiteiros: 1) — E. M. 585 — Reparação do lanço de Eirol à Póvoa do Valado — 6.ª fase — troço na extensão de 294 metros — (1.ª situação), 96 785$00; 2) — Pavimentação a asfalto, de um troço do C. M. 1524, na Talpa — (2.ª e última situação), 47 756$60; e, 3) — Pavimentação a asfalto, de um troço da E. M. 582, entre Azurva e Tabueira — (2.ª, e 3.ª e última situações), 129 121$90.

● Foi autorizada superiormente uma permuta de terrenos, na Rua de Aires Barbosa, a fim de possibilitar a ampliação do Cemitério Sul.

● Foram apreciados 19 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 17 deferimentos, uma informação e um indeferimento.

CORONEL AMÉRICO ROBOREDO

Atingido pelo limite de idade, o nosso bom amigo sr. Coronel Américo Júlio da Silva Roboredo de Sampaio e Melo foi agora desligado das elevadas funções de Comandante Militar de Viseu e de Presidente, ali, do Tribunal Militar Territorial.

Visiense pelo nascimento e pelo coração, o ilustre oficial consagra a Aveiro um particular e desvanecedor carinho: aqui serviu brilhantemente, inclusive como Comandante, no Regimento de Cavalaria, tendo conquistado amigos em quantos têm tido a dita do seu aliciante convívio. Militar distintíssimo, com larga folha de serviços na Metrópole e no Ultramar, e, na vida social, destacado elemento da organização rotária, o Coronel Américo Roboredo impõe-se pelos seus dotes de inteligência e carácter e pelo seu nobilíssimo e bondoso coração.

Na sede do Tribunal Militar, realizou-se anteontem, sob presidência do General Comandante da Segunda Região, uma homenagem ao brioso oficial, que adivinhamos ter decorrido à altura dos méritos e virtudes do homenageado.

O *Litoral* pede licença para juntar as suas saudações ao justíssimo preito tributado ao sr. Coronel Américo Júlio da Silva Roboredo de Sampaio e Melo.

PEDRO GRANGEON

O sr. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes radicou-se em Aveiro há cerca de quatro décadas, aqui tendo constituído família. Em Agosto de 1929, entrou para os quadros do Banco Regional de Aveiro, onde viria a assumir as elevadas funções de Director, que, ao longo de muitos anos, soube nobilitar com suas exemplares qualidades de inteligência e de carácter.

Com a fusão da prestigiada casa bancária aveirense no Banco Fonsecas & Burnay, o sr. Pedro Grangeon ali continuou na subdirectoria. Reformou-se agora, com quase 40 anos de serviço.

Preparava-se-lhe condigna e ampla homenagem neste limiar da sua reforma; mas o sr. Pedro Grangeon obstinou-se em recusá-la ao nível pretendido pelos seus numerosos admiradores e amigos. E, assim, apenas os empregados do Banco lhe testemunharam o seu apreço e mágoa por vê-lo afastado dos serviços que tanto prestigiou, no decurso de um jantar, na *Imperial*, em que falou, por todos, o empregado superior do Fonsecas & Burnay sr. Carlos Vicente Ferreira, tendo agradecido o sr. Pedro Grangeon as expressivas palavras que ali ouvira e a lembrança que os seus colaboradores lhe ofereceram: uma artística salva de prata, assinalando o preito e a despedida, firmada pelos ofertantes.

Ao sr. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes — destacada figura na sociedade aveirense, particularmente nas organizações católicas — deseja o *Litoral* a justa compensação, em descanso, do meritório afã em que consumiu grande parte da sua existência.

DECLARAÇÃO DAS EXISTÊNCIAS DE EXPLORAÇÕES SUÍNAS

Durante o corrente mês de Setembro, de acordo com edital agora tornado público pela Intendência de Pecuária de Aveiro, os proprietários de explorações suínas têm de declarar os respectivos efectivos, referidos a 1 do corrente mês.

Neste edital, indicam-se as normas a que os proprietários de explorações suínas devem atender na aludida declaração, que é obrigatória.

CONCURSO E REGATA DE MOLICEIROS, NA TORREIRA

Hoje, integrado no programa da tradicional romaria do S. Paio da Torreira, realiza-se, nesta praia do litoral aveirense, um concurso de painéis de barcos moliceiros.

O certame, promovido pela Junta de Turismo da Torreira, inicia-se às 15 horas, seguindo-se-lhe, pelas 16 horas, uma regata à vela entre todos os «moliceiros».

Foram instituídos diversos prémios pecuniários, tanto para o concurso como para a regata.

MENOR DE 15 ANOS COM A MÃO AMPUTADA

Na Casa de Saúde da Vera-Cruz, nesta cidade, teve de ser amputada a mão esquerda ao menor Sérgio Simões Brás, de 15 anos, filho do sr. José dos Santos Brás e da sr.ª D. Maria Simões Lameiro, residentes na Póvoa do Valado, em consequência de lhe ter ficado esfacelada por uma bomba de foguete, durante os festejos realizados naquele lugar.

SORTEIO DO INTERNATO DISTRITAL DE AVEIRO

Com a presença dum representante da autoridade, realiza-se no próximo sábado, dia 14, pelas 15 horas, o sorteio da bicicleta motorizada que esteve exposta na barraca do Internato Distrital, no recinto das «Verbenas de Aveiro».

Podem assistir ao sorteio todas as pessoas que o desejem.

O CETA e o CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA

Acerca da participação do CIRCULO DE TEATRO DE AVEIRO *no Concurso Nacional de Arte Dramática* do SNI, e por ter sido alterado, mais uma vez este ano, o respectivo Regulamento, a seguir transcrevemos os seus artigos 26.º e 27.º, que vieram operar grandes transformações nas participações de vários grupos concorrentes, nos quais o CETA se incluí:

«ART.º 26 — Não poderão ser seleccionados, para a fase final ou de classificação, os concorrentes que tenham sido premiados no ano transacto.

§ primeiro — Aos concorrentes referidos no corpo deste artigo serão concedidos, excepcionalmente, diplomas de mérito, quando as suas provas, na fase regional, tenham revelado assinalável nível de espectáculo e de interpretação do respectivo elenco dramático, conforme se encontra preceituado no art.º 32.º.

ART.º 27.º — O Júri terá a faculdade de seleccionar as peças e os grupos que já tenham sido premiados, nas condições consignadas no art.º 26.º, e propor ao Secretário Nacional a sua apresentação em espectáculo público, fora do concurso, em qualquer localidade do País.»

Tendo alcançado no ano anterior o Primeiro Prémio em *Drama*, o CETA, assim, só poderá participar no Concurso, em Lisboa, no caso dos espectáculos dos grupos concorrentes «in concurso» se apresentarem sem nível para a final, numa prova extra, hipótese que dificilmente se verificará, a julgar pelas peças concorrentes.

O CETA foi apurado para a fase final do *Concurso Nacional de Arte Dramática* do SNI, a realizar de 20 a 30 de Setembro.

O CETA ainda não sabe concretamente os moldes em que concorrerá a este festival, na medida em que o Regulamento do SNI foi de novo alterado este ano, como em outra nota se refere neste jornal.

O PREÇO DO LEITE

Na área de acção da Federação dos Grémios da Lavoura da Província da Beira-Litoral existem 17 723 lavradores inscritos como produtores de leite.

Mercê da campanha de saneamento, de gado e estábulos, foi possível à Federação do Grémio da Lavoura levar aquela Lavoura interessada na produção de leite a atingir as seguintes posições, referentes à 2.ª quinzena de Junho último: 8 844 na categoria A com leite a 2$87,68 o litro; 7 756 na categoria B com leite a 2$48,23 o litro; 1 323 na categoria C com leite a 1$64,98 o litro — ou seja nas percentagens seguintes: Classe A, 49, 34 %; Classe B, 43, 27 %; Classe C, 7, 39 %.

Tanto os produtores da Classe B, como os da Classe C poderão, logo que o queiram, passar à categoria superior, e, para tanto, basta-lhes cumprir as instruções por variadíssimas vezes ministradas junto da Lavoura no sentido de uma justa promoção.

É, sem dúvida, interessante a posição conseguida a favor daquela mesma lavoura, quando é certo que há dois ou três anos o leite raras vezes atingia preço superior a 2$20 o litro, preço este em percentagem mínima.

Trabalho insano representa sem dúvida o esforço dispendido em tão curto prazo, no sentido desta nítida melhoria.

AVEIRENSE MORTO NUM EMBATE DE AUTOMÓVEIS

Na segunda-feira, cerca das 18.30 horas, perto de Leiria, registou-se um choque de automóveis, que provocou a morte do comerciante aveirense sr. Ernesto Ferreira Dias, de 55 anos, residente em Verdemilho, e causou ferimentos em mais cinco pessoas.

Com aquele nosso inditoso conterrâneo — irmão dos srs. João, Manuel, António e Mário Ferreira Dias e cunhado do sr. João Ferreira da Rocha —, seguiam sua esposa, sr.ª D. Lourdes de Oliveira Maia, e as duas filhas do casal, meninas Marília e Rosa Maria Maia Dias, que foram internadas no Hospital de Leiria, por terem sofrido vários traumatismos.

No outro carro, da Figueira da Foz para Lisboa, viajavam o sr. Dr. Vítor Duarte Faveiro, Director-Geral das Contribuições e Impostos, e sua esposa, sr.ª D. Clarisse Faveiro, que também tiveram de ser socorridos no mesmo estabelecimento hospitalar.

ESTÁGIO DE FUTUROS COMANDANTES DA P. S. P.

Estiveram durante algum tempo nesta cidade, na frequência do estágio regulamentar junto do Comando Distrital da P. S. P. de Aveiro, os srs. Capitão Manuel Simas da Silveira e Tenente Manuel Lopes de Carvalho, futuros comandantes, respectivamente, da P. S. P. da Horta, nos Açores, e da Secção de Espinho do Comando Distrital de Aveiro da P. S. P.

PASSAGEM DE MODELOS NA ASSEMBLEIA DA BARRA

No salão da Assembleia da Barra, realizou-se, há dias, uma passagem de modelos de Outono e Inverno do «Atelier» Portugal, com as mais recentes criações do alfaiate-costureiro sr. José da Costa Portugal.

O produto desta reunião elegante, em que colaborou o «Conjunto Irmãos Tavares», foi destinado ao Sport Clube Beira-Mar.

Ministério das Comunicações
Junta Central de Portos
Junta Autónoma do Porto de Aveiro

ANÚNCIO

Concurso público para a arrematação da empreitada de CONSTRUÇÃO DE UM PAVILHÃO ALIGEIRADO PARA RECOLHA DE EQUIPAMENTO PORTUÁRIO, NO FORTE DA BARRA.

Por ter sido anulado o concurso público realizado em 6 de Agosto último para a arrematação da empreitada acima mencionada, faz-se público que no dia 26 de Setembro de 1968, pelas 16 horas, na sede da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, à Avenida Dr. Lourenço Peixinho n.º 110-2.º, em Aveiro, se procederá, perante a Comissão para esse fim nomeada, a novo acto de recepção e abertura de propostas para a arrematação da citada empreitada.

A base de licitação é de 400 000$00.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, Agências ou Delegações, o depósito provisório de 10 000$00, mediante guia preenchida pelo próprio concorrente, segundo modelo que figura no processo.

O depósito definitivo será de 5 % do valor da adjudicação.

O processo do concurso está patente, todos os dias úteis, dentro das horas normais de expediente, na Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

Aveiro, 4 de Setembro de 1968

O Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro,

CARLOS G. GOMES TEIXEIRA

Lavandaria Sol

UMA NOVA FILIAL

Vai para quatro anos, a firma *Soares & Ornelas, L.da*, abriu em Aveiro, ao n.º 99 da Rua do Gravito, a *Lavandaria Sol*, estabelecimento que, na especialidade, logo se creditou como organização perfeita, com severa administração e capaz de satisfazer todas as exigências da sua vasta clientela.

Desde início, espalhou a sua actividade por várias agências no Distrito; e a elas acresceu agora mais uma, com diversas características e maior amplitude. Trata-se de um estabelecimento, situado ao n.º 17 da Rua de Agostinho Pinheiro, desta cidade, que obedece às técnicas mais actualizadas e eficientes.

As decorações, a cargo do distinto Arquitecto Estrela Santos, confirmam os seus já reconhecidos méritos.

É de justiça dizer-se que a nova filial da *Lavandaria Sol* honra a indústria aveirense.

AVISO

Avisam-se os portadores de senhas da tômbola do «Beira-Mar» que funcionou nas Verbenas de Aveiro de que devem levantar os prémios na Casa das Utilidades, até 15 do corrente.

Meninas operárias

Aceitam-se, bom salário. Fábrica Impar — Verdemilho.

Ministério das Comunicações
Junta Central de Portos
Junta Autónoma do Porto de Aveiro

ANÚNCIO

Concurso público para a arrematação da empreitada de «FORNECIMENTO DE UM EMPILHADOR PARA A JUNTA AUTÓNOMA DO PORTO DE AVEIRO».

Faz-se público que no dia 26 de Setembro de 1968, pelas 15 horas, na Junta Autónoma do Porto de Aveiro, sita na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.º 110-2.º, em Aveiro, proceder-se-á perante a Comissão para esse fim nomeada, à recepção e abertura de propostas para a arrematação da empreitada acima mencionada.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, Agências ou Delegações, o depósito provisório de 6 250$00, mediante guia passada pelo próprio concorrente, segundo modelo que figura no processo.

O depósito definitivo será de 5 % do valor da adjudicação.

O processo do concurso está patente todos os dias úteis, dentro das horas de expediente na Junta Central de Portos, sita na Rua da Prata, n.º 8-4.º, em Lisboa, e na Junta Autónoma do Porto de Aveiro.

Aveiro, 4 de Setembro de 1968

O Presidente da Junta Autónoma do Porto de Aveiro,

CARLOS G. GOMES TEIXEIRA

FALECERAM:

D. APOLÓNIA EMÍLIA ALVES

Sempre doente, mas sempre também reagindo aos seus achaques com notável coragem, relevando assim as suas qualidades de trabalho (que ùltimamente quase só consagrava à família, particularmente aos numerosos netinhos), acamou, na penúltima sexta-feira, a sr.ª D. Apolónia Emília Alves, de nada lhe tendo valido os carinhos familiares e a dedicação e saber dos médicos que a ampararam e tentaram socorrer na crise: viria a falecer na tarde de domingo, 1 do corrente, em casa de sua filha, com quem vivia, a nossa distinta colaboradora prof.ª Dr.ª Dulce Emília Alves Souto.

A saudosa extinta, que contava 65 anos de idade, era sogra do conhecido advogado com escritório na comarca de Aveiro sr. Dr. Paulo de Miranda Catarino e irmã da sr.ª D. Anunciação Emília Alves, residente em Sever do Vouga.

Deixa sete netos, que eram todo o seu enlevo.

O enterro realizou-se no dia imediato para o Cemitério Central, após missa de corpo-presente, celebrada pelo Vigário-Geral da Diocese, Mons. Aníbal Ramos, na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco.

Hoje, sábado, às 19 horas, será celebrada missa de sufrágio na igreja de Jesus.

D. CRISANTA DA SILVA MATIAS

Vítima de súbito ataque cerebral, faleceu, pelas 23 horas de domingo último, 1 do corrente, na sua casa do próximo lugar de Vilar, D. Crisanta Matias da Silva, viúva, há dez anos, do saudoso Luís Fernandes Duarte e Silva, que foi um dos mais importantes proprietários rurais do concelho de Aveiro.

Dotada de invulgar dinamismo, a extinta gozava de justificado prestígio na povoação; e, saudável que era, não obstante os seus 85 anos de idade, nada fazia prever o súbito desenlace.

Tinha uma única filha, D. Felicidade Matias da Silva Rangel, casada com o lavrador e industrial sr. Manuel Fernandes Rangel; era irmã da sr.ª D. Felicidade da Silva Matias e do sr. João Simões Maio do Matias; avó das sr.as D. Armanda e D. Maria Fernanda e da menina Maria Manuela da Silva Rangel, as duas primeiras esposas, respectivamente, dos srs. José António Baptista Pombal e José Manuel Mónica Gomes; e deixou numerosos sobrinhos, directos e por afinidade, entre estes o director deste jornal.

O enterro realizou-se no dia imediato, com grande acompanhamento de automóveis, para jazigo de família no Cemitério Central de Aveiro, após missa de corpo-presente, celebrada na capela de Vilar pelo Rev.º Padre José Maria Carlos.

As famílias em luto, particularmente à sr.ª Dr.ª Dulce Souto e ao director do *Litoral*, os pêsames de quantos trabalham neste semanário.

APOLÓNIA EMÍLIA ALVES

Agradecimento e Missa do 7.º Dia

Sua filha e genro, Dulce Souto e Paulo de Miranda Catarino, agradecem por este único meio, na impossibilidade de pessoalmente o fazerem a todas as pessoas que de algum modo se preocuparam com a curta doença e às que se associaram ao funeral da saudosa extinta. E comunicam que a Missa do 7.º Dia será celebrada na igreja de Jesus, hoje, sábado, dia 7, às 19 horas.

AGRADECIMENTO

Dr. Ferreira Neves
Dr. Josué Póvoa
Dr. Humberto Leitão

A família de Apolónia Emília Alves, por julgar de seu dever, vem tornar público o mais profundo reconhecimento aos ilustres médicos, que tanto carinho, zelo e saber profissional demonstraram durante a curta doença da saudosa extinta.

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 7 — *As sr.as D. Lúcia Fernandes da Costa Trindade, esposa do sr. Humberto Trindade, D. Maria Adelaide da Cruz Pinho, esposa do sr. Baptista de Jesus Santos, e D. Maria das Dores Jesus da Cunha, o sr. António José Campos Graça e as meninas Maria Adelaide, filha do sr. Carlos Alberto Luís Pereira, e Maria Manuel, filha do sr. Dr. Manuel Dias da Costa Candal.*

Amanhã, 8 — *Os srs. Jaime Rodrigues Cunha e Francisco Freire Simões Veiga.*

Em 9 — *A sr.ª D. Carolina Vieira de Almeida, os srs. José Alberto do Vale Guimarães e José Artur Lopes Ramos, e as meninas Glória Andreia, filha do sr. José Adriano Pereira Aguiar, Rosa Maria, filha do sr. Manuel Pereira, e Cristina Isabel, filha do sr. Carlos Alberto Martins Pereira.*

Em 10 — *A sr.ª D. Maria Virgínia de Almeida d'Eça Soares Peixinho, esposa do sr. Joaquim Peixinho, o sr. Francisco Valente e o menino José António, filho do sr. Dr. José da Veiga Teixeira Lopes.*

Em 11 — *Os srs. Francisco Lourenço da Costa e Manuel Ângelo Ferreira da Cunha, e o menino Aguinaldo António, filho do sr. Aguinaldo Armindo da Silva Melo.*

Em 12 — *As sr.as D. Balbina Augusta da Silva Dias, esposa do sr. João Ferreira Dias, D. Isaura Tavares de Vilhena e D. Fernanda Vilas Boas do Vale Pires, os srs. António Neto, Raúl de Sá Seixas, Cravo Machado Calisto e Joaquim Vinagre dos Santos, e as meninas Maria José, filha do sr. Dr. Manuel Simões Julião, e Maria Armanda e seu irmão Manuel Ferreira Lopes, filhos do sr. Alberto Lopes Antão.*

Em 13 — *A sr.ª prof.ª D. Alzira de Resende Almeida Maia e Silva, esposa do sr. Tenente Gonçalo Maria Pereira, os srs. Diamantino Manuel dos Reis Dias e Mário Baptista da Costa, as meninas Rosa Adriana, filha do sr. José Adriano Pereira Aguiar, e Ana Margarida, filha do sr. Albano Araújo Nunes Génio, e o menino Paulino Roque, filho do sr. Albino Roque.*

CAROLINA HOMEM CHRISTO

Tendo regressado há pouco tempo de Paris, encontra-se presentemente na sua casa de Aveiro a ilustre Directora da «Eva» e nossa distinta colaboradora D. Carolina Homem Christo.

PARA O ULTRAMAR

Segue para Cabinda (Angola), no próximo dia 11, a sr.ª D. Maria Elisa Monteiro Campos, esposa do sr. Rui Manuel de Lima Campos, aveirense que há meses ali fixou residência.

PARA O ESTRANGEIRO

Iniciou no passado dia 2 uma viagem pela Espanha, França, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Alemanha o conhecido alfaiate-costureiro aveirense e nosso bom amigo sr. João da Rosa Lima, que estará ausente até ao próximo dia 19.

CINE-TEATRO AVENIDA
Cartaz dos Espectáculos

Sábado, 7 — O CARRASCO DE VENEZA, com Lex Barker, Sandra Lanaro e Guy Madison. Para maiores de 12 anos.

Domingo, 8 — O CÉLEBRE ROUBO DE GLASGOW, com Stanley Baker, Joanna Pettet e James Booth. Para maiores de 17 anos.

Terça-feira, 10 — OS MILIONÁRIOS DE FILADÉLFIA, com Paul Newman, Barbara Rush e Alexis Smith. Para maiores de 17 anos.

TEATRO

Continuação da primeira página

o requinte, o preciosismo, o refinamento que JSM parece querer *exigir*. Uma exigência que só é possível *assacar-se* a quem trabalhe com apoio ilimitado, sem restrições.

Vamos, pois, *abrir a porta do diálogo e entrar:*

1. Ao contrário do que JSM afirma, a *plateia* do último espectáculo do CETA não foi constituída, *apenas*, por familiares e amigos da *equipa* cetista. Estes eram (desta vez e felizmente) uma minoria.

2. Não parece feliz, antes carece de *verdade*, a referência (análógica?) feita ao CITAC. Porque dimensionalmente, estèticamente, sociològicamente, tal não se proporciona. Mesmo no panorama do teatro amador (até porque se trata duma colectividade universitária que *pode* restringir-se a uma actividade de diferente amplitude), a sua preponderância se revela mais nas realizações características *sofisticadas* ou, mais pròpriamente, reveladas por um tipo de teatro de exportação. Redundando, portanto, numa restrição que não sobeja para transpor-se para além duma assembleia universitária. E mesmo assim...

Repare-se que não se pretende paralelizar uma situação. E muito menos depreciar. Sòmente distinguir. Nada de erróneas interpretações. Apenas o *nosso* público não está (como pretende estar o público do CITAC) preparado ainda para *absorver* um tipo de teatro *no qual se deve ver e ouvir o que aparece*.

Contudo, o CETA não pretende escamotear as suas finalidades. E, como missão primária, tenta conquistar um público. E não é (infelizmente sabêmo-lo por experiência própria) com espectáculos de raiz vanguardista que tal se consegue. Por agora, claro. Algumas (boas) realizações nesses moldes, foram mesmo catastróficas. Parece, pois, mais próprio e profícuo ir um pouco ao encontro *desse* público. E só o tempo ditará a sua sentença.

Ao contrário do que JSM afirma, o CETA não é *inteiramente* réu pela inércia divulgativa. E não é porque:

1.º — Já editou um *Boletim* (que por motivos óbvios não passou do primeiro número), em que se permitia a colaboração dos sócios e demais *interessados*.

2.º — Também *Cadernos I*, lançados quase nos mesmos moldes e com idênticas finalidades, não encontrou *eco*. E a colaboração foi *oficialmente* solicitada.

3.º — Também alguns elementos afectos ao CETA têm procurado (e conseguido nalguns casos) escrever originais de teatro. E algumas traduções de originais estrangeiros têm sido feitas.

4.º — Ainda se efectuaram no CETA (com entradas livres e devidamente anunciadas na Imprensa), colóquios sobre teatro e artes implícitas. Só que a frequência foi pouco menos do que nula.

Como pode verificar-se por esta síntese de actividades tendentes à divulgação das coisas do teatro, alguma coisa se fez. Ou tentou fazer. Simplesmente, não houve compensação nem continuidade, faltas pelas quais o CETA não se sente responsável.

3. Baseados na opinião generalizada da massa espectadora não se afigura certa a opinião de que se verificou «...pouca ou nenhuma convicção da maioria dos intérpretes.» Pelo contrário. O que não significa que esteja inteiramente fora da razão. E nada nos custa creditar-lhe uma relativa percentagem.

4. «A leveza, o tom feérico, a fatuidade, que alguns davam às suas interpretações...»

É dura esta *classificação*, dada assim a despretenciosos amadores, ainda intocados pelos maneirismos da *grandeza* consciente de si próprios. Fatuidade? Não se estará a confundir espontaneidade com ausência de sofisticação? Será isto?

5. Através duma gravação (directa) do próprio espectáculo, verificou-se a sem razão deste seu comentário: «...não tem calor, não tem emotividade, pois nem as vozes se entrecruzam (e daqui os silêncios falsos), nem denotam a urgência e a crueldade que reveste a decisão...»

E verificou-se porque:

a) Os silêncios forçados não existiram.

b) O entrecruzar das vozes não é admissível em teatro desta natureza, ou seja, num tipo de teatro cuja base está no realismo-expressionista.

c) Não existe *urgência*, nem *crueldade* — porque ali o tempo não conta. A situação, por si, estatificou o tempo. — porque os personagens empenhados na decisão não são de forma alguma cruéis. Todo o antecedente o demonstra. Implicitamente, o seu comportamento não pode ser cruel. A situação, sim.

6. Quanto à interpretação de M. Leonor Rino (12 anos há pouco feitos), apenas perguntamos: onde se encontra uma vocação tão espontânea, uma adaptação tão pronta como a dela? Evidentemente que existe uma certa linearidade, própria da sua imaturidade de cronológica e teatral. Mas, a existir essa maturidade prematura, não se perderia toda uma espontaneidade natural? Toda uma riqueza epidèrmicamente revelada?

7. A forma como *prolonga* a depreciação à *Sr.ª Van Daan*, com laivos de perseguição, torna-se demasiado cruel e menos justa. Até porque a personagem é, em si mesma, enfatuada, superficial, alienada até, por vezes, da própria situação (demonstrado através de alguns diálogos em que essa superficialidade se sobrepõe à consciencialização situacional). E a intérprete, claudicando embora, nalgumas *nuances*, cuja origem é evidente pela inércia demonstrada, cumpre em muitos momentos, pelo que o seu comportamento não é assim tão *negativo*. Aliás, a sua apreciação, JSM, se a analisarmos num plano humano enraizado no sacrifício do amador, é contraproducente e não-construtiva.

8. Quanto ao problema estético posto, parece haver uma confusão. Põe-se um óbice à encenação e logo a seguir fala-se de cenografia.

Esclarecendo: a encenação é teatralista, assente em bases fundamentalmente realistas-expressionistas. Quer dizer: o realismo implícito no texto transcende-se, pela encenação (experimental ainda), para um expressionismo de situações. Ora, a cenografia caminha paralelamente com a encenação. Portanto, partindo-se da convenção teatralista (neste caso realismo-expressionismo) a cenografia só poderia ser o que é: realista-expressionista. Nem realista (ou mesmo naturalista) pura, nem *completamente* estilizada.

9. Ainda dentro desta concepção estética, «...a imponência e brutalidade dos soldados nazis...» constituiria *um elemento a mais*.

Evite-se, quanto possível, cair nas armadilhas provenientes das tentativas de fornecer *explicações* simplistas de significado unilateral. Porque isso não quer dizer que as não possamos submeter a cuidadoso escrutínio, isolando imagens, temas, estética e humanismo, autopsiando cada qual por sua vez.

Tudo isto não constitui uma preocupação destrutiva. Não senhor. Significa, isso sim, a entrada em franco diálogo, aberto, sincero. Sem pretensões de infalibilidade.

Certa, certa mesmo, esta verdade: não se pretende uma hegemonia. Porque qualquer arte é uma arte de *classe*; e com muito maior propriedade o será, neste caso, o teatro. Porque *a pressão do consumidor* sobre o *produto* é mais sensível. Porque em vez de *receber a obra acabada, o consumidor* (o público) participa na sua elaboração: observando os artistas durante a *criação*, da qual depende a formação de ambiências, favoráveis ou não, ao êxito da obra.

E como o Teatro depende sempre do público — sem público *não há* teatro — o êxito duma representação (não apenas artístico, mas em todas as suas implicações) depende inclusivamente das suas simpatias ou antipatias sociais, da sua moral e da sua ideologia.

Neste aspecto (reportando-nos a uma sondagem limitada mas elucidativa), é indesmentível esta realidade: o público presente ao espectáculo do CETA, aderiu. Gostou. Prendeu-se. Para já, isto conta. Pesa e muito. É uma realidade absoluta. E o Teatro (e nós) precisa destas realidades e não de *formas* utópicas.

Foi para isso que o CETA trabalhou: para uma realização digna, de intimidade e comunhão familiarizante. Não se abdicando, contudo, dos princípios fundamentais de progressão estética e actualização formativa.

Continue, JSM. Continue, que bem precisamos. Não esquecendo, todavia, que todos estamos sujeitos à lei do *tempo que corre através de nós; que nos altera enquanto o faz*. Deixando sempre uma oportunidade de absolvição.

ARTUR FINO

Informação Literária

Edições da VERBO

■ Está publicado o 7.º volume da HISTÓRIA UNIVERSAL, organizada por Jean Monnier, inspector-geral do Ensino Secundário em França, e que a Editorial Verbo apresenta em cuidada versão portuguesa do prof. Dr. Joaquim Veríssimo Serrão. A obra completa constará de doze volumes e não há dúvida de que se afirma já como uma iniciativa de largo alcance no nosso meio cultural.

●

■ O volume agora publicado da HISTÓRIA UNIVERSAL, de Joan Monnier, é totalmente consagrado à Idade Moderna (1610-1715) com texto de Pierre Jaillet, um dos mestres universitários que o organizador da obra escolheu para seu colaborador. São capítulos principais deste volume: A França de Luís XIII, A Guerra dos Trinta Anos, A Restauração Portuguesa, A Inglaterra dos Stuarts, As Províncias Unidas (Países Baixos), A França de Luís XIV, A Europa até 1715, e A Vida Intelectual e Artística.

●

■ Para o 8.º volume da VERBO — ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA saíram agora os dois primeiros fascículos — o 85.º e o 86.º — que abrangem de «Európio» a «Falstaff». Dos temas tratados com maior desenvolvimento citamos EVOLUÇÃO (seis páginas), ÉVORA (sete páginas), EXÉRCITO (seis páginas), EXISTENCIALISMO (três páginas), EXPLOSÃO (cinco páginas), EXPRESSIONISMO (quatro páginas), FÁBULA (três páginas), e FADO (quatro páginas).

Bíblia Ilustrada

O n.º 51 desta obra monumental, publicada pela «Editorial Universus», continua o *Livro dos Salmos*, dos mais belos da Sagrada Escritura, pelos conceitos, pelo fulgor histórico de narrativas e pelo valor poético.

Os títulos dos salmos contidos neste tomo são os que seguem: — «Quando os Elementos se Comovem», «Deuses Pequenos», «O Cálice da Salvação», «Doxologia», «A Procissão do Triunfo», «Cartilha Maternal», «Um Pouco de Paz», e a «A Boa Sombra».

A par do texto, as notas dos tradutores são de frutuosa leitura, porquanto explicam e esclarecem muitos dos passos dos salmos, mormente naquilo que eles têm de mais transcendente e elevado. São achegas preciosas para a compreensão da língua bíblica, em que os símbolos surgem a cada passo embaraçando a verdadeira interpretação do texto.

Bíblia Ilustrada, impressa em papel de luxo é singularmente valorizada por notáveis ilustrações sobre assuntos da Escritura Sagrada, reproduzidos de obras de artistas universais.

O tomo agora publicado apresenta numerosas dessas ilustrações, algumas do tamanho de página, que são cópias fotográficas de quadros que figuram em museus e galerias de arte, de Milão, Florença, Palência, Catedral de Monreale, Paris, Tarragona e Hangers, e ainda um extratexto — História de José, de Bachiacca, da Galeria Borghese, de Roma.

Obra, a todos os títulos valiosa, constitui um autêntico relicário na literatura bíblica nacional, que o tempo valorizará.

«Autocostas — Sociedade Comercial de Automóveis Artur F. Costa, Limitada»

CARTÓRIO NOTARIAL DE ÍLHAVO

Notário: Lic. Manuel Faim Pessoa

Constituição de Sociedade

Certifico, para efeito de publicação, que por escritura de 19 do corrente mês, lavrada de fls. 57 a 60, do livro de Escrituras Diversas B-48, deste Cartório, Luís Armando Cester da Costa, casado, residente na Rua Infante D .Henrique, 13-1.º Esq.º, da cidade de Aveiro, natural da freguesia de Bonfim, da cidade do Porto, e Artur Freitas da Costa, também casado, residente na Rua de S. Sebastião, 78-2.º D.º, da mesma cidade de Aveiro, natural da freguesia e concelho de Águeda, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que ficou a reger-se pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação «AUTOCOSTAS — SOCIEDADE COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS ARTUR F. COSTA, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento comercial na Avenida Dr Lourenço Peixinho, n.º 126, da cidade de Aveiro, conta o seu início na data de hoje e durará por tempo indeterminado;

2.º — O seu objecto é o comércio de veículos automóveis, podendo explorar qualquer outro ramo que os sócios acordem e para que não seja precisa autorização especial;

3.º — O capital social é de 300 000$00, está todo realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são de 285 000$00 e de 15 000$00, respectivamente dos sócios Luís Armando Cester da Costa e Artur Freitas da Costa;

4.º — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, podendo, porém, qualquer dos sócios fazer à Caixa Social os suprimentos de que ela carecer, mediante as condições a fixar em acta;

5.º — A cessão total ou parcial de quotas entre sócios não carece de qualquer consentimento ou formalidade prévia;

6.º — O sócio que quiser ceder a sua quota a estranhos terá de a oferecer prèviamente, em carta registada, à sociedade e aos demais sócios, tendo aquela em primeiro lugar e estes em segundo lugar o direito de a adquirir pelo valor do último balanço geral aprovado, acrescido da parte correspondente ao fundo de reserva legal;

7.º — A administração e gerência de todos os negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidos, com remuneração ou sem ela, conforme acordarem em Assembleia Geral, por qualquer dos sócios, Luís Armando Cester da Costa e Artur Freitas da Costa, pois bastará a assinatura de um deles, indistintamente, para obrigar a sociedade.

8.º — Aos gerentes é expressamente proibido usar a denominação social em actos e contractos que não digam respeito aos negócios da sociedade, tais como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes, sob pena de o infractor ser responsável para com a sociedade pelos prejuízos que lhe causar com esse uso;

9.º — As Assembleias Gerais, quando devam reunir e a lei não prescrever outras formalidades, serão convocadas por meio de carta registada, dirigida aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, indicando sempre o assunto a deliberar;

10.º — Em 31 de Dezembro de cada ano será dado o balanço geral dos negócios da sociedade, que deverá estar concluído e aprovado nos noventa dias subsequentes, e os lucros líquidos nele apurados, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, ou os prejuízos, serão divididos ou suportados pelos sócios na proporção das suas quotas;

11.º — A Sociedade dissolve-se ùnicamente nos casos legais, e em qualquer caso de dissolução a Assembleia Geral que a votar nomeará os liquidatários e providenciará acerca da liquidação e partilha, mas por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios continuará a sociedade com os sobrevivos ou capazes e os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, devendo os ditos herdeiros nomear um de entre si que nela os represente a todos enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa;

12.º — A Sociedade poderá amortizar qualquer quota que seja penhorada, arrestada ou de qualquer outro modo sujeita a arrematação judicial e a amortização considerar-se-á efectuada mediante o depósito na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, à ordem do juízo competente, da quantia correspondente ao valor da quota, acrescida de quaisquer fundos de reserva, segundo o último balanço.

Está conforme, e declara-se que na escritura nada há em contrário ou que condicione o que aqui se narra e transcreve.

Cartório Notarial de Ílhavo, vinte e quatro de Agosto de mil novecentos e sessenta e oito.

O Ajudante do Cartório,
Egídio Esteves Rebelo

Litoral — Ano XIV — 7-9-68 — N.º 722

José Figueiredo & C.a, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO
Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de vinte e nove de Agosto de mil novecentos e sessenta e oito, de folhas trinta e seis, verso, a trinta e nove do livro próprio número Três-C, outorgada perante o notário deste Primeiro Cartório Licenciado Joaquim Tavares da Silveira, foi constituída entre José Silveira de Figueiredo e Ilda Neves Ramos uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A Sociedade adopta a firma «José Figueiredo & Companhia, Limitada»; e fica com a sua sede nesta cidade de Aveiro, à Estrada Nova do Canal, treze-B, freguesia da Vera-Cruz;

SEGUNDO

A sua duração é por tempo indeterminado, a partir de hoje;

TERCEIRO

O seu objecto é o exercício da indústria de transportes de aluguer em automóveis ligeiros de carga, e o de qualquer outro ramo de indústria ou comércio que resolvam explorar;

QUARTO

O capital social é do montante de oitenta mil escudos, dividido em duas quotas, de quarenta contos cada uma, subscritas uma por cada um deles outorgantes-sócios; e acha-se integralmente realizado;

A quota da sócia Ilda Ramos foi realizada em dinheiro, que entrou na Caixa Social; e a quota do sócio José Silveira de Figueiredo foi realizada com a entrada que ele fez para a sociedade do seu seguinte veículo automóvel e respectivas licenças para o exercício da indústria de transportes de aluguer, e nela põe em comum:

Veículo automóvel, marca «Bedford» número IA-Noventa e quatro-Noventa e nove (de Livrete), passado pela Direcção de Viação de Lisboa, registado em seu nome na Conservatória do Registo de Automóveis de Lisboa sob o número cento e treze mil trezentos e oitenta, no Livro IP-vinte e oito, com a competente licença para transporte de mercadorias em regime de aluguer passada pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres — Direcção de Viação de Coimbra, em vinte de Dezembro de mil novecentos e sessenta e cinco e Licença que tem o número quatrocentos e trinta e um; e atribuem a estes bens para o presente acto o valor de quarenta contos;

QUINTO

Na cessão de Quotas a estranhos à Sociedade e qualquer dos sócios tem o direito de preferência;

SEXTO

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital;

SÉTIMO

A gerência social fica afecta ao sócio José Silveira de Figueiredo, que poderá exercê-la pessoalmente ou mediante procuração passada mesmo a pessoa estranha à sociedade; e a Sociedade obriga-se pela assinatura da firma pelo gerente ou pela assinatura do seu procurador;

A gerência é dispensada de caução;

OITAVO

Salvos os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário do que se narra ou transcreve.

Aveiro, dois de Setembro de mil novecentos e sessenta e oito.

O 2.º Ajudante,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral — Ano XIV — 7-9-68 — N.º 722

Tribunal Judicial da Comarca de Anadia

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que pela 1.ª Secção do 1.º Juízo desta comarca e nos autos de acção ordinária de divórcio que Antónia de Jesus ou Antónia de Jesus Alegre, doméstica, residente no lugar de São João de Azenha, freguesia de Sangalhos, desta comarca, move contra seu marido Frank dos Santos ou Francisco dos Santos, operário, ausente em parte incerta dos Estados Unidos da América e com a última residência conhecida no lugar e freguesia de Vera-Cruz, da comarca de Aveiro, correm éditos de TRINTA DIAS, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anúncio, citando aquele réu para, no prazo de VINTE DIAS, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito na acção e que consiste em ser decretado o divórcio entre autora e réu, com fundamento no adultério e abandono do lar deste, encontrando-se o duplicado da respectiva petição nesta secção, que se entregará quando o solicitar.

Anadia, 13 de Julho de 1968

O Escrivão de Direito,

Joaquim Rodrigues Maduro

Verifiquei:

O Juiz de Direito do 1.º Juízo,

Roberto Ferreira Valente

Litoral — Ano XIV — 7-9-68 — N.º 722

Câmara Municipal de Aveiro

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no art.º 29.º do Código Administrativo e para os fins consignados na última parte do § 3.º do mesmo artigo, convoco o Conselho Municipal para a sessão ordinária a realizar no dia *13* do corrente mês de Setembro, pelas *10* horas, com a seguinte ordem do dia:

a) — Dar parecer sobre o Plano de Actividade da Câmara para 1969 e discutir e votar as bases do Orçamento;

b) — Apreciação de diversas deliberações camarárias.

Paços do Concelho de Aveiro, 3 de Setembro de 1968

O Presidente da Câmara,

Artur Alves Moreira

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

Doutor Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 2 de Setembro corrente, deliberou pôr em arrematação o direito à ocupação dos seguintes lugares para a venda de castanha assada, pelo período compreendido entre 1 de Outubro do corrente ano e 30 de Abril de 1969, nas condições que se encontram patentes na Secretaria:

1 — Rua de Sá (Em frente do acesso ao Largo da Senhora da Alegria)
2 — Largo da Estação (Junto da paragem dos autocarros)
3 — Largo da Estação (Junto da paragem das Camionetas de carreira)
4 — Praça 14 de Julho (Junto da loja de modas Osório)
5 — Av. 5 de Outubro (Junto da Ponte de Pau)
6 — Praça Frederico Ulrich (Junto da Ponte Praça)
7 — Av. 5 de Outubro (à entrada da Ilha do Lé)
8 — Praça do Milenário (Em frente à Sé Catedral)
9 — Largo de Santo António (Junto da messe do R. I. 10)

A base de licitação para cada lugar é de 20$00, não podendo os lanços ser inferiores a 5$00 e a hasta pública terá lugar no dia 30 do corrente mês de Setembro, pelas 14.30 horas, no Salão Nobre dos Paços do Concelho.

Paços do Concelho de Aveiro, 3 de Setembro de 1968

O Presidente da Câmara,

Artur Alves Moreira

Continuações da última página

FUTEBOL

Alba — Beira-Mar

célebre *Lei Dezoito*, irònicamente citada... — o autoriza a tal procedimento.

•

Por certo, embora a qualidade do *association* deixasse um tanto a desejar — e muitos adeptos do Beira-Mar tenham regressado fortemente decepcionados —, o encontro deixou boas indicações aos treinadores Frederico Passos (Beira-Mar) e Pedro Costa (Alba), com vista a rectificações que importa fazer nos grupos que orientam.

Ai, quanto a nós, o mérito do jogo de domingo: pôr a claro pontos fracos, que urge fortalecer, apontar erros, que necessário se torna corrigir.

Restará agurdar as próximas jornadas — para o Beira-Mar a época já amanhã começa a sério! — para se aquilatar da real capacidade da equipa. Quanto a nós, limadas certas arestas, ganhando o ataque a desejada agressividade e poder concretizador, o Beira-Mar poderá ser parceiro das turmas favoritas. Mas o futebol é jogo. É contingente, portanto...

Saibamos encarar as realidades, augurando para a equipa um comportamento meritório que a todos nos satisfaça e nos possa trazer, no final, uma boa alegria!

Normalmente, quando os «ensaios-gerais» são fracos, desalentadores mesmo, os espectáculos costumam sair de bom nível. E, para o Beira-Mar, o «grande espectáculo» principia amanhã...

Xadrez de Notícias

39; 3.º — Coimbra, 34; 4.º — Évora, 30; 5.º — Aveiro, 11.

A Comissão Central de Árbitros de Futebol estabeleceu os quadros dos seus filiados, ficando os juízes de campo aveirenses incluídos nos seguintes escalões:

I Categoria — Henrique Costa e José Porfírio. II Categoria — José dos Santos Pereira. III Categoria — Carlos Neiva, Francisco Costa, Joaquim Ribeiro Freire e Manuel Pinto da Costa.

O Valecambrense, «caloiro» na II Divisão, manteve nas suas fileiras todos os seus futebolistas da época finda e conseguiu, para já, os seguintes novos elementos: Carlos Alberto (ex-Tirsense), Pinto Rocha (ex-Boavista), Ribeiro (ex-Espinho), Macedo e Grilo (ambos ex-Sanjoanense).

Possivelmente o clube de Vale de Cambra fechará ainda contrato com mais dois jogadores.

No Sporting de Espinho, ingressaram os seguintes novos futebolistas: Moreira (ex-Vilanovense), Jaime (ex-Serzedo), Antero (ex-Arcozelo) e Figueira (ex-Júnior do F. C. do Porto).

Ciclismo

2

Não sei o que se pensou acerca da cena ocorrida a três quilómetros de Portalegre, de que foi protagonista o jovem Norberto Duarte, do Sangalhos. As notícias vindas a público, na sua maioria, escaparam-se-me. Integrados na missão ingrata — mas a um tempo saborosa — de comunicar com ouvintes situados a muitos milhares de quilómetros, terminado que foi o serviço telefónico desse dia, vivemos a angústia junto dos acompanhantes do Sangalhos e dos médicos que assistiam o valente rapaz. Foram momentos que não esqueceremos tão depressa. Primeiro, em plena estrada, devorando marcos e marcos quilométricos de mistura com água, muita água, fruta, sobretudo talhadas de melancia, que os bons alentejanos distribuíam pròdigamente. No seu entusiasmo, e perante a aparente passividade dos acompanhantes do segundo carro de apoio do Sangalhos, já que no primeiro, cá para trás, seguiam o dirigente e o técnico, o Norberto, cabeça descoberta, suportando em pleno Alentejo, com o sol dardejando a prumo, os seus 40 graus centígrados, lá seguia roda a roda, mas puxando quase sempre, o seu companheiro de fuga, Sousa Vieira, da Ambar. Seguimos ao longo desses 130 quilómetros o esforço titânico dos dois homens e só os largávamos de vista quando vínhamos junto do pelotão medir o tempo que os separava. Quando já se avistava a cidade de Portalegre, a três quilómetros, as casas branquinhas como montes de sal, ali a dois passos, quase a tocar-lhes com as mãos, eis que o drama se desenrola com toda a intensidade. O moço vestido de camisola azul, que sonhara dar uma grande alegria e uma grande vitória ao seu clube, caiu pesadamente na berma da estrada como se mão de gigante, invisível, lhe tivesse dado um tremendo murro. Logo do carro de apoio acorreram a ajudá-lo. Tentaram injectar-lhe novas energias e recolocá-lo na bicicleta. Pedalava, inconsciente, mas debalde. Logo adiante, voltava a cair. Nova insistência e, penosamente, como um autómato, ele lá ia até voltar a cair. Até que a duzentos metros da meta, mais centímetro menos centímetro, o Norberto cambou de vez, arrastando na sua queda alguns homens do pelotão, que entretanto se aproximara, nomeadamente o Joaquim Agostinho que, por esse motivo, entrou na meta de bicicleta pela mão. O Dr. Barreiros de Magalhães, médico da Volta, acorreu solícito, meteu-o no seu automóvel e conduziu-o ao hospital, acompanhado pelo Dr. Antídeo da Costa, dirigente e médico do Sangalhos. Andava tragédia no ar. Entretanto, fervilhavam os comentários à nossa volta junto da bancada dos homens da Rádio e da Imprensa, comentários que mal ouvíamos, assoberbados como estávamos com o nosso trabalho.

Veio a noite. Fomos falando, sucessivamente, com os elementos da caravana bairradina. Sabia-se já que o moço dos Carvalhos estava bem, mas subsistia o drama da tarde. Divisamos a um canto o olhar distante e incrédulo do Sousa, o dedicado massagista que há anos vem dando o seu valioso contributo ao Sangalhos, e que agora era apontado indirectamente como o causador da iminente tragédia. O Valdemar, condutor e proprietário do carro de apoio, lamentava-se da perda do relógio e, consequentemente, da pulseira de ouro. Custara-lhe quase três contos! O Sousa Santos livrava-se de responsabilidades (tomara uma vez, sim, e foram logo quatro bombas, mas foi no fim da carreira...). Dizia-me o ex-portista que ia embora para casa se... e olhava à sua volta, na esperança de encontrar um dirigente. Este veio mais tarde e saiu o comunicado, que todos conhecem, assinado pelo director do Sangalhos, Alcides da Silva.

Estivemos mais tarde no hospital. O enfermo reanimava, sempre na presença dos médicos, que nunca o abandonaram.

Ao outro dia, a equipa da Bairrada alinhou sem o Norberto Duarte que, entretanto, fora considerado desistente! Nos comunicados oficiais, nem a mais leve alusão ao acidente. Mas, no ar, andava a ideia da droga, do estimulante, do «doping». Havia como que um acordo tácito. Para quê levantar problemas? Todos sabíamos que a angústia morava ao lado. Infelizmente, o uso do estimulante está vulgarizado. E, no meio de tantos ciclistas, quem não teria telhados de vidro?

Quase todos aceitaram a causa, mas não ouvimos ninguém proferir uma palavra contra a ideia bizarra, ingénua, inacreditável, sem justificação, de fazer disputar-se uma etapa de 187 km., entre Beja e Portalegre, em pleno coração do Alentejo, entre as 10 horas da manhã e as 15 horas! Claro que não vamos acusar a Organização da Volta, mas apetece-nos perguntar: Não será crime, tão grave como o «doping»? Não terá sido a insolação somada à droga que quase ia atirando para a morte um jovem imberbe e inconsciente?

Que meditem nisso, se quiserem, os responsáveis pelo traçado da Volta de 1969. Caso contrário, podem (e devem) desaparecer os perigos da droga, mas, ingènuamente, bizarramente, inacreditàvelmente, subsistirem os da insolação.

E não seria caso virgem...

JOAQUIM DUARTE

Basquetebol

joanense) e Dr. Luís Oliveira (Sangalhos). JUNIORES — Eduardo Manuel Nunes (Illiabum) e Carlos Augusto Pires (Galitos). JUVENIS — José Filipe Farela Neves (Galitos) e Joaquim Manuel Bravo Serra (Mealhada).

Época de 1966-1967

Campeões — *Illiambum (seniores); Galitos (juniores e juvenis).* Taça de Disciplina — *Galitos (seniores, juniores e juvenis).* Lance-livre — *SENIORES — Vítor Ferreira (Galitos), José Luís Pinho (Galitos), António Rosa Novo (Illiabum), António Ramalhosa (Sanjoanense), António Carlos Silva (Illiabum), Alberto Costa (Sanjoanense), Adriano Robalo (Galitos) e Arlindo Silva (Galitos). JUNIORES — Eduardo Manuel Nunes (Illiabum). JUVENIS — Jorge Manuel Oliveira (Galitos) e José Filipe Farela Neves (Galitos).*

Época de 1967-1968

Campeões — *Sangalhos (seniores); Galitos (juniores); Esgueira (juvenis); Sanjoanense (feminino); e Galitos-A (iniciados).* Taça-Disciplina — *Sanjoanense (seniores); Esgueira (juniores); e Sangalhos (juvenis).* Lance-livre — *SENIORES — Dr. António Pinto (Sanjoanense), Américo Silva (Esgueira), Eugénio Coelho (Sangalhos) e Manuel Ré (Illiabum). JUNIORES — Manuel Antunes (Galitos), António Estêvão Ferreira (Galitos) e Fernando Mónica (Esgueira). JUVENIS — José Filipe Farela Neves (Galitos) e Francisco Manuel Malaco (Illiabum).*

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo

Em Albergaria-a-Velha, fraco «ensaio geral»...

ALBA, 0 — BEIRA-MAR, 0

Jogo no Parque de Jogos do Alba, sob arbitragem do sr. António Neto da Naia, coadjuvado pelos srs. Fernando Vilas Boas (bancada) e Teixeira Pires (peão).

Os grupos formaram deste modo:

ALBA — Zé; Girão, Pinho, Evaristo e Albano; Quintas e Azevedo; Cerejeira, Leite (Néné), Gaio e Alfredo.

BEIRA-MAR — José Pereira; Bernardino, Joca, Marçal e Chaves; Abdul e Colorado; Amaral (Silva), Cleo, Eduardo e Almeida (Sousa).

Para afinação e rodagem dos respectivos conjuntos, Alba e Beira-Mar defrontaram-se, no pretérito domingo, em desafio amistoso rodeado de grande expectativa, por se tratar da primeira apresentação formal das duas equipas.

O encontro constituía, ainda, homenagem dos albergarienses ao novo «capitão» do Alba, o ex-beiramarense Evaristo — circunstância que também atraiu muitos assistentes ao recinto, onde se deslocaram bastantes desportistas de Aveiro.

A partida não foi famosa. Contrariando as previsões gerais, o Alba (turma menos cotada) logrou suplantar o seu antagonista, mostrando-se mais intencional e mais perigoso. Os albergarienses foram os únicos com nota positiva no ataque e os únicos que tiveram hipóteses de golo possível!

O Beira-Mar, possuidor de elementos sem dúvida mais sabedores e mais valiosos, não conseguiu vencer o entusiasmo com que os seus antagonistas se bateram, produzindo, no balanço geral, exibição demasiado frouxa. Apenas o sector recuado esteve sempre certo, seguro e eficiente.

Na linha intermediária, Colorado realizou trabalho cansativo, ingrato e acertado; mas Abdul, actuando em posição algo atrasada, fez claudicar um tanto o seu colega e, assim, faltou apoio aos dianteiros.

Estes não revelaram o entendimento necessário e não souberam construir ocasiões de golo, por falta de poder de infiltração. No recomeço, com a presença de Silva e Sousa, os beiramarenses deram a ideia de que tinham agressividade e maior clareza nos seus movimentos ofensivos. Mas, a breve trecho, notou-se que continuavam sem penetrar na zona da verdade, sem capacidade — no seu 4x3x3 — para levarem de vencida o quarteto defensivo do Alba, sempre atento, generoso e bem conjugado nos seus esforços.

Salientaram-se: no Alba, Alfredo, Girão, Azevedo, Pinho e Leite; e, no Beira-Mar, Bernardino, Colorado, Marçal e Chaves.

Arbitragem sem problemas, a merecer nota regular. Reparo para um dos «bandeirinhas»: o exagero (quase teatral!) com que entendeu assinalar várias faltas — errando algumas vezes... — deverá, de futuro, ser abandonado. Não fica bem: ao contrário, impressiona desfavoràvelmente. Além de que nenhuma das leis do jogo — nem a

Continua na página nove

Associação dos Desportos de Aveiro

Tivemos notícia de que o ilustre Delegado da Direcção Geral dos Desportos no nosso Distrito, sr. Eng.º João de Oliveira Barrosa, depois de estudar uma petição da Comissão Directiva da Associação de Patinagem de Aveiro, emitiu superiormente um parecer concordando com a não integração, até ao fim de 1969, do referido organismo na Associação dos Desportos de Aveiro.

Assim, e como pretendiam, os dirigentes da Associação de Patinagem continuarão em regime de autonomia e, ao que sabemos, animados dos melhores desejos de incentivarem os trabalhos encetados na propaganda da modalidade.

Basquetebol

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA da A. B. de AVEIRO

REALIZOU-SE, como noticiámos, na penúltima quarta-feira, uma sessão extraordinária da Assembleia Geral da Associação de Basquetebol de Aveiro, tendo presidido aos trabalhos o respectivo Presidente, sr. Eng.º Carlos Manuel Ferreira da Maia, secretariado pelos srs. Feliciano Neves e Carlos Alberto Jerónimo.

Em lugar de relevo, encontravam-se os elementos da Direcção, srs. Francisco da Encarnação Dias, Américo Dias Moreira Júnior, Luís Porfírio de Carvalho e Silva, Sílvio Pinheiro Palpista, Feliciano Augusto Moreira Duarte e José César dos Reis Rodrigues.

Aberta a sessão, procedeu-se à cerimónia da entrega dos troféus respeitantes às épocas de 1965-1966, 1966-1967 e 1967-1968, de acordo com relação que publicamos, no final desta notícia.

Entrou-se, depois, na apreciação dos pontos fixados na ordem dos trabalhos: uma determinação da Direcção Geral dos Desportos sobre os Torneios de Iniciados; e a actuação da Direcção da A. B. de Aveiro no «caso» do novo Regulamento das Provas da Federação.

Foi lido, pelo sr. Luís Porfírio, um bem elucidativo relatório das diligências efectuadas por Aveiro, desde longa data, no assunto dos regulamentos das provas federativas; e o Presidente da A. B. de Aveiro referiu, posteriormente, que, já depois dos factos consumados, em consequência de determinação superior, ainda Aveiro manifestara o seu desacordo pelo alargamento do número de clubes da I Divisão (de oito para dez), nos moldes em que o mesmo se processou. Mas, baldadamente...

Relativamente à categoria de Iniciados, ficou resolvido, depois de judiciosas intervenções dos srs. Carlos Jerónimo (Galitos), Afonso Tavares (Esgueira) e Sílvio Bulhosa (Sanjoanense), que Aveiro se pronuncie pela manutenção oficial da categoria, evitando que se crie um autêntico «fosso» entre os praticantes de idades compreendidas entre o final do «Mini» e o início dos «Juvenis».

Acerca de outros problemas basquetebolísticos, usaram da palavra os srs. Eng.º Jorge Severino, Afonso Tavares e Sílvio Bulhosa — este para solicitar à A. B. de Aveiro que patrocinasse, junto das entidades superiores, a oficialização da notável e felicíssima iniciativa da Sanjoanense: o basquetebol nas escolas primárias.

●

Relação dos clubes e atletas premiados pela Associação de Basquetebol de Aveiro:

Época de 1965-1966

Campeões — Galitos (seniores); *Illiabum (juniores e juvenis).* Taça de Disciplina — *Galitos (seniores); Illiabum (juniores e juvenis).* Lance-livre — *SENIORES — António Rosa Novo (Illiabum), Francisco Manuel Pinto (Illiabum), Carlos Salviano Silva (Esgueira), António Ramalhosa (San-*

Continua na página nove

Totobolando

★ PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 2 DO «TOTOBOLA»

15 de Setembro de 1968

N.º	CLUBES	1	x	2
1	Belenenses-Tomar	1		
2	Braga - Benfica			2
3	Setubal - Porto	1		
4	Sanjoane. - Acadé.			2
5	Leixões - C. U. F.		x	
6	Varzim-Guimarãe.		x	
7	Atlético - Sporting			2
8	Famalicão - Leça	1		
9	Beira Mar - Tirsen.	1		
10	T. Novas-Tramag.	1		
11	Almada - Seixal			2
12	Montijo - Sesimbra		x	
13	Oriental-Torriense			2

À RODA DO CICLISMO PORTUGUÊS

A VOLTA, O SANGALHOS E... O «DOPING»

CRÓNICA DE JOAQUIM DUARTE

1 Já se acabaram os ecos dos comentários à grande prova do ciclismo português. A 31.ª Volta a Portugal ficou para trás e, a esta hora, o nome do seu vencedor — Américo Silva — enfileira no rol dos grandes triunfadores.

Este apontamento tardio, por mor dumas férias curtas mas indispensáveis, já pouco poderá acrescentar ao que ficou dito e escrito. Há, contudo, dois aspectos que desejaremos focar — o comportamento da equipa bairradina e uma breve referência ao famigerado «doping».

O Sangalhos Desporto Clube, mercê duma orientação que se nos afigura no melhor sentido, tem vindo a dedicar-se ao ciclismo com todo o entusiasmo dos seus dirigentes e das gentes da Bairrada.

Por detrás da representação azul, movimentam-se muitas boas vontades, muita «carolice», dinheiro de algumas firmas e marcas e algum do bolso dos dirigentes. A vida dum clube, afinal. Este ano, não só devido ao excepcional número de corridas, mas também aos cuidados postos na preparação da equipa, esperava-se algo mais dos atletas, compensação para os esforços dos dirigentes. É certo que o número bem pequeno de ciclistas não dava para ombrear, pelo menos em quantidade, com as equipas do Sporting, Benfica e F. C. do Porto; mas aguardava-se com certa curiosidade o trabalho de joaquim Andrade — um dos animadores da edição de 67 —, de João Fonseca, triunfador no prémio SIS — Sachs, de Celestino de Oliveira, excelente rolador, de António Pereira e de Herculano de Oliveira. Deste último, como aliás veio a suceder, pouco se esperava, dado encontrar-se a cumprir o serviço militar, o que, lògicamente, não permite a preparação conveniente. Havia, ainda, um grupo de jovens recentemente promovidos de amadores a profissionais, além do «parisiense» Álvaro de Andrade, especialista em exibições de longas distâncias, mas sem carácter competitivo.

Adivinhava-se, desde logo, que a equipa do Sangalhos não possuia a homogeneidade requerida, pelo que a sua acção basear-se-ia no trabalho dos «consagrados». Este raciocínio, claro como água, falhou. A equipa, embora orientada por um técnico sabedor e com longa experiência — Sousa Santos — não pôde e não soube integrar-se na movimentação geral da corrida. Os seus melhores valores fecharam-se demasiado dentro do pelotão. Possuindo, pelo menos, três homens com possibilidades de vincarem presença e corresponderem ao que era lícito exigir-se-lhes, eles nunca revelaram força nem «cabeça» para se conduzirem. Apenas o Andrade, na caminhada para o Algarve, saiu da vulgaridade, mas reconheçamos que a sua escapada só foi possível por se encontrar na classificação geral a duas dezenas de minutos do camisola amarela. Ficou, todavia, a certeza de que ao ciclista bairradino não faltam qualidades físicas para se impor. Assim ele saiba aprender como deve conduzir-se durante a corrida. Se puder colocar um pouco da cabeça ao serviço das pernas, o Joaquim irá longe. Caso contrário... Já o João Fonseca, cauteloso inicialmente, tem o seu quê de desculpa, pois sofreu uma queda na descida para Seia, que o deixou bastante combalido para o resto da prova. O Celestino de Oliveira, com os seus 20 anos, é um caso para estudar. Desde que a Volta se iniciou nas Antas até terminar em Alvalade, nunca vimos o seu semblante modificar-se. O Celestino, que rola com impressionante facilidade, mete-se na segunda metade do pelotão e ele aí vai. Tanto se lhe dá que haja «escapadas» como tudo corra na paz do Senhor. Dá a ideia de que monta na bicicleta e não vê mais nada à sua volta. Manda o pensamento lá para a santa terrinha, vai rememorando a aldeia e talvez a namorada. Tudo menos a corrida onde vai integrado. Um caso de apatia, que nem o próprio atleta saberá explicar...

Dos ex-amadores, onde há muito trabalho para Sousa Santos, se continuar no clube, salvou-se o Joaquim Barreto. O rapaz tem força, mete-se bem nas «sapatadas» — uma característica do nosso ciclismo que tanto surpreende os estrangeiros — mas é, naturalmente, ingénuo na bicicleta. Afigura-se-nos elemento de futuro. Não só ele, o Lino Santos, o Albino Mariz, o próprio Norberto Duarte...

Continua na página nove

XADREZ DE NOTÍCIAS

Os Campeonatos Nacionais da I e II Divisão principiam amanhã, com jogos marcados para as 16 horas. Na II Divisão (Zona Norte), teremos este programa geral:

ESPINHO — Covilhã
Leça — Académico de Viseu
Tirsense — Famalicão
VALECAMBRENSE — BEIRA-MAR
Gouveia — Salgueiros
Tramagal — Penafiel
Boavista — Torres Novas

Na I Divisão, a SANJOANENSE joga, no Barreiro, com o Grupo Desportivo da C. U. F.

Em desafios de futebol, de carácter particular, realizados no último fim-de-semana, com a participação de equipas do nosso Distrito, apuraram-se estes resultados:

A. de Viseu — VALECAMBRENSE 1-1
SANJOANENSE — Braga . . . 1-1
LAMAS — ESPINHO 3-1

Para assinalar o terceiro aniversário da sua fundação, a Delegação da F. N. A. T. do Distrito de Aveiro realiza, hoje, pelas 20 horas, um jantar de confraternização, no refeitório das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos.

Presidirá o Vice-Presidente da F. N. A. T. e assistirão as diversas entidades oficiais do Distrito. No decurso da festiva reunião, serão entregues os prémios desportivos referentes às épocas de 1964-1965, 1965-1966 e 1966-1967.

Sob orientação de José Nogueira, principiaram no domingo, no Rinque do Parque, os treinos dos basquetebolistas do Clube dos Galitos.

Estão em curso conversações entre os dirigentes do Beira-Mar e do Leixões, com vista à cedência do futebolista Lázaro ao clube aveirense. O conhecido jogador, antigo juvenil beiramarense, que transitou de Aveiro para o F. C. do Porto, tem representado «por empréstimo», o Vitória de Guimarães. Esta época, os matosinhenses compraram o respectivo «passe», mas Lázaro encontra-se em Aveiro, a cumprir o serviço militar. Daí, os contactos havidos entre o Beira-Mar e o Leixões.

O Ala-Arriba, da Praia de Mira, concorrente ao «Distrital» de Coimbra, renovou contrato, por duas épocas, com o guarda-redes Violas e deverá receber também a colaboração de um outro ex-beiramarense: Calisto, um dianteiro que alinhou no Alba na época finda.

Na Piscina Municipal de Coimbra, na quarta edição da Taça de Portugal, entre selecções distritais, apurou-se o seguinte resultado final:

1.º — Lisboa, 62 pontos; 2.º — Porto,

Continua na página nove

HÓQUEI EM PATINS

★ A Associação de Patinagem de Aveiro, para suprir a falta do previsto Campeonato Regional, que, por carência de datas, ainda não se disputou, tenciona organizar o II Torneio de Propaganda, com jogos nas tardes dos domingos dias 15, 22 e 29 do corrente, dentro do seguinte calendário:

1.ª jornada — na Curia — GALITOS — TERMAS e ACADÉMICA — SPORT. 2.ª jornada — nas Termas de S Pedro do Sul — ACADÉMICA — GALITOS e TERMAS — SPORT. 3.ª jornada — em Albergaria-a-Velha — SPORT — GALITOS e TERMAS — ACADÉMICA.

★ No pretérito domingo, em desafio amistoso efectuado na Costa Nova, defrontaram-se as turmas do Galitos e do Nun'Alvares de Gondomar, da II Divisão da Associação de Patinagem do Porto.

Os aveirenses triunfaram por 5-4, resultado feito durante o primeiro tempo.

★ Segundo informação, colhida em boa fonte, o Hóquei Clube da Curia deve regressar à prática do hóquei em patins, inscrevendo-se na Associação de Patinagem de Aveiro.